

Escrevendo um Mundo
Breves notas sobre a Geografia Política de Bertha Becker
Writing the World:
Brief Notes on the Political Geography of Bertha Becker

Roberto Bartholoⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

*Oh, give me land, lots of land, under starry skies above
Don't fence me in
Let me ride thru the wide-open country that I love
Don't fence me in*

Cole Porter e Robert Fletcher

Uma curta história de ensinamento da mística judaica de raiz hassídica, atribuída ao círculo do *rabi* Yaakov Yitzahk de Pijzha, diz:

Uma vez foi colocada ao rabi Yaakov a pergunta: o Talmud explica que a cegonha, em hebraico designada com a palavra hassida, que pode ser traduzida como a piedosa ou a afetuosa, por ela amar os seus, está classificada dentre os pássaros impuros, por que isso? E o rabi respondeu: porque ela somente dedica amor aos seus.

Falar de Bertha é fazer referência às fronteiras de um coração que não quer dedicar amor apenas aos seus.

Em seu memorial para provimento do cargo de professora-titular do Departamento de Geografia da Universidade do Brasil/UFRJ, Bertha Becker falou do sentido de sua trajetória acadêmico-profissional referindo-se a uma paixão e identificação pessoal pela grafia da Terra, não como simples descrição, mas como *design*, desenho e projeto. Para Bertha, a Geografia do Brasil é, pois, *design e projeto do Brasil como parte constitutiva do projeto Terra*.

Cito em seguida um fragmento do texto do Memorial:

... a pedra de toque que desencadeou a linha de pesquisa sobre a Amazônia foi a viagem de estudos que realizei com os alunos do Instituto Rio Branco. Viagem que correspondeu à minha insistente sugestão aos diretores do curso,

ⁱ Professor associado do Programa de Engenharia de Produção da COPPE – Universidade Federal do Rio de Janeiro. bartholo.roberto@gmail.com

tendo em vista a necessidade de colocar os futuros diplomatas em contato mais direto com a realidade do país. Em 1973, finalmente, a direção promoveu o Projeto Cisne, com vistas à observação da fronteira Brasil-Bolívia, e me convidou para dela participar. Empenhei-me com os alunos na preparação da viagem, inclusive na preparação dos questionários para captar as relações centro-periferia, meta frustrada pela interferência do Projeto Rondon, que estabelecera seu próprio programa, mas não conseguiu impedir meu encontro com a fronteira.

Foi fantástico o impacto dessa viagem por Corumbá, Cáceres, Guajará-Mirim (brasileira e boliviana), Porto Velho, Rio Branco e Manaus, onde tive contato com a magnitude da natureza, as rápidas, volumosas e amplas correntes migratórias que resultavam no inchamento da velha cidade de Cáceres ou se dirigiam para Rondônia via Vilhena, e com a estratégia do governo federal para a articulação do território.

(...)

A partir daí, dediquei meu esforço ao estudo da Amazônia, buscando captar a magnitude da escala e do ritmo de sua ocupação.

A obra de Bertha é palavra-ato, testemunho de empenho e compromisso que nos chega desde o lugar que lhe é próprio, sua morada institucional, a Universidade (mais particularmente a Universidade do Brasil/Universidade Federal do Rio de Janeiro). Como fio comum se desdobram a continuada produção do espaço brasileiro e a marcante presença das fronteiras (e, mais particularmente, de uma fronteira territorialmente determinada em desconcertante abundância e concretude: a Floresta Amazônica). Seus empenho e compromisso nascem de uma aposta de vida: a excelência acadêmica não se pode reduzir à mera resolução eficiente de problemas que não temos autonomia de estruturar. Ela pode se tornar espúria e estéril quando dissociada da ousadia e do risco de se ter por horizonte, para além da mera autonomia tecnológica, uma autêntica autonomia epistemológica.

Encontro denominadores comuns na trajetória de vida de duas mulheres que marcaram a cultura brasileira: Clarice Lispector e Bertha Becker. Em ambas as obras buscamos em vão referências *explícitas* ao enraizamento judaico. Para o percebermos é necessário um exercício de atenção: a escuta do silenciado.

Na obra de Clarice, como destaca Moacyr Scliar, não falta "...um componente judaico, representado principalmente pelo melancólico humor e por aquela sensação de desenraizamento, de marginalização".¹

Macabéa, a personagem central de seu derradeiro livro, *A Hora da Estrela*, sintetiza em si a condição feminina e judaica. É desse livro que retiramos a frase-chave: "... pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos sou eu, que escrevo o que estou escrevendo".

As palavras de Clarice nos remetem, ao coração da obra de Bertha.

Como um elemento de identidade na diferença, encontramos em Clarice um tempo-espaço *indefinidos*, uma sintomática ausência de limites ou fronteiras, uma apologia do instante. Como nos diz Clarice em *Um Sopro de Vida*, "... este é um livro de não memórias. Passa-se agora mesmo, não importa quando foi ou é ou será este agora mesmo". Em Clarice, as referências aos lugares, às ruas, às cidades e aos bairros são feitas com indiferente provisoriedade, como expresso exemplarmente em *Perto do Coração Selvagem*:

“... às vezes seus passos erravam na direção, pesavam-lhe, as pernas mal se moviam. Mas ela se empurrava, guardava-se para cair mais longe”.

Ambas, Bertha e Clarice chegam ao Brasil filhas de correntes migratórias saídas das entranhas da Europa Oriental. Nas origens desta travessia está a inquieta pobreza das aldeias retratadas por Chagall, onde uma população judaica estimada em cerca de cinco milhões de habitantes no fim do século XIX, vivia sob o Império da Rússia dos Czares, confinada por lei em determinadas regiões, tendo por núcleo básico de convivência o *shtetl*. Essa palavra iídiche, idioma dos guetos centro-europeus, mescla de alemão e hebraico quer designar aldeia, pequena cidade e, antes de tudo, um lar. Como diz Moacyr Scliar: “... pobre e ameaçado, mas lar, em cujos telhados místicos violinistas tocavam as melodias melancólicas de um passado que se confundia com o presente”.²

Lar frágil e vulnerável às convulsões que abalaram o Império Czarista na virada dos séculos XIX e XX, culminando na derrota russa na guerra contra o Japão em 1905. Lar marcado pela sombra trágica dos *progroms*. Em *A Cidade da Matança* o poeta Chaim Nachman Bialik escreve o poema-testemunho do *progrom* de Kíshinev, na Bessarábia:

De ferro e aço frios e mudos
forja um coração, oh homem! – e avança.
Vem, vamos à cidade onde se fez a matança,
mira com teus olhos, toca com tuas mãos
nas paredes, nas portas, nas pilastras, nos muros
na madeira e nas pedras das ruas
as manchas de sangue negro e ressecado.

Decerto o fluxo migratório judaico para o Novo Mundo foi *mais um*, dentre tantos outros oprimidos, que vieram aqui aportar. Eloquente mensagem, a América comunica a Europa nos versos da poetisa judia Emma Lazarus, inscritos no pedestal da Estátua da Liberdade:

Dá-me teus exaustos, teus pobres...
O renegado refugio de tuas exuberantes plagas.

Nossa formação escolar brasileira tem ênfase no aprendizado de que o povo brasileiro tem origem no cadinho das três raças, o europeu, o índio e o negro. E arriscamos compreender essa proposição como se nossa história fosse “...um roteiro traçado pelo cristão colonizador no qual os demais não passam de coadjuvantes.³ A referência ao *cadinho* tem significativas omissões que silenciam *agendas particulares*, contribuintes à formação do Brasil.

Falando de Bertha e Clarice quero também romper com essa silenciosa omissão da perspectiva própria das populações judaicas e seu empenho por afirmar a identidade “em meio à intolerância – que modulou fortemente a *articulação*, (em vez de contribuição e participação) do judaísmo e dos judeus com a história do Brasil”.⁴

Em 1891, o Barão Maurice de Hirsch, milionário e filantropo, disponibilizou por meio da *Jewish Colonization Association* (JCA) fundos para a aquisição de glebas de terra na América destinadas à implantação de colônias agrícolas para as populações judaicas da Europa Oriental. Em cerca de 300.000 hectares nas províncias argentinas de Santa

Bartholo, R.

Fé, Entre Rios e Buenos Aires foram implantadas dezessete colônias. Mais tarde, a colonização foi estendida para o Rio Grande do Sul, onde a JCA adquiriu 5.776 hectares no Pinhal, município de Santa Maria, e implantou em 1904 a *Colônia Philippson*, onde se assentaram trinta e oito famílias judaicas oriundas da Bessarábia.

Visto desde o *shtetl* o Brasil podia ser um novo horizonte de expectativas e um novo espaço de experiências. A migração podia ser a travessia rumo à possibilidade de mudar a vida para melhor, mudando de lugar. E a imagem da promessa podia ser fixada em *prospectos* da JCA, tais como os que estiveram na origem da saga de Marcos Iolovitch, um judeu-russo que emigra para o Rio Grande do Sul. Seu romance autobiográfico *Numa Clara Manhã de Abril* se inicia com as seguintes palavras:

... Numa clara manhã de abril do ano de 19... quando a estepe começava a reverdecer à entrada alegre da primavera, apareceram em Zagradowka, pequena e risonha aldeia russa da província de Kersan, lindíssimos prospectos com ilustrações coloridas, descrevendo a excelência do clima, a fertilidade da terra, a riqueza da fauna, a beleza e exuberância da flora de um vasto e longínquo país da América, denominado BRASIL.

Segue-se uma significativa descrição da ilustração desse prospecto, nas palavras de Marcos Iolovitch:

Sob um céu límpido e distante, de um azul muito doce, um lavrador, chapéu de abas largas, camisa branca arremangada, empunhava, encurvado, as rabiças de um arado, puxado por uma junta de bois, revolvendo a terra virgem. Um pouco mais longe, no fundo, o ouro vegetal de extensos trigais maduros. Mais além, azulados pela distância, coqueiros, palmeiras e florestas misteriosas. E, no primeiro plano, destacando-se em cores vivas e fortes, um enorme pomar em que predominavam laranjeiras, à cuja sombra porcos comiam lindas laranjas caídas no chão.

Sérgio Buarque de Holanda já apontou como motivos edênicos animaram a colonização do Brasil, em um imaginário onde "... a crença na realidade física e atual do Éden parecia então inabalável", e não se fazia sentir "apenas em livros de devoção ou recreio, mas ainda nas descrições de viagens reais e fictícias (...) e sobretudo na obra de cosmógrafos e cartógrafos".⁵ Para a perspectiva dos que o viam desde a vulnerabilidade do *shtetl*, esse Novo Mundo era, como aponta Moacyr Scliar, simultaneamente *mais e menos* que os mitos edênicos. Era, por exemplo, a concretude material do açúcar e das frutas. Sendo que as laranjas do prospecto eram os próprios frutos da tentação, tão inacessíveis à inquieta pobreza da Europa Oriental. Como diz Moacyr Scliar, "...eram laranjas pois, e em profusão! Caídas no solo! E os porcos a devorá-las! Aliás, a presença de tais animais causa espécie. Ou Iolovitch não lembra bem, ou o ilustrador era um tanto descuidado. Talvez não dessem importância ao detalhe, ilustrador e/ou futuros colonos; ou talvez considerassem inocentes, não impuros os suínos do Novo Mundo".⁶

Desde a perspectiva do *shtetl*, os trópicos eram lugar de abundância, fartura e liberdade. E liberdade era o maior dos anseios. Liberdade de aspirar vida melhor, de não ter

medo, de educar os filhos. Mas como bem diz Moacyr Scliar: "...liberdade com açúcar, liberdade com laranja, banana e abacate é sem dúvida melhor".⁷

O uso identificar um enraizamento judaico *implícito* na palavra geográfica de Bertha, em sua recusa a se deixar fixar na estabilidade dos conceitos pré-configurados. Ela é palavra eficaz, palavra-gesto, palavra-ato, que não apenas serve de instrumento de captura conceitual do que designa, mas sim para *instaurar realidade*. É o *dabar* hebraico, palavra criadora proferida em meio às estruturas estabelecidas do saber universitário. O *dabar* de Bertha não apenas se afasta das certezas cristalizadas. Ele as desestabiliza e rompe. Mina as bases da tradição positivista hegemônica na geografia brasileira.

Na trajetória de Bertha emerge, em clara diferenciação com a de Clarice Lispector, a confrontação com tempo-espaço *definidos*. E sobressai um encontro decisivo, uma marcante presença: a fronteira. Nunca uma fronteira que se deixa conter em conceitos abstratos, incorpóreos. Sim a fronteira como presença concreta cuja palavra nos fere e cobra resposta. E com notável preponderância a *fronteira territorialmente definida na Floresta Amazônica, em sua desconcertante abundância e concretude*. Essa floresta se faz presente para Bertha como o Tu de uma relação dialógica, não o Isso de uma pré-determinação conceitual. Não há aqui um discurso que faça referência à floresta como mero campo de aplicação de verdades já sabidas. Há diálogo construído sob o primado da escuta. Uma construção em ressonância com o apelo primordial da tradição orante judaica: *Shemá!*

Martin Buber, notável voz judaica do século XX, aponta que o primado da escuta é condição de possibilidade da relação dialógica e requer uma aposta de vida, concretude, inteireza, disponibilidade para as imprevisibilidades de uma relação face a face, direta e imediata. Em sua relação com a Floresta Amazônica Bertha soube corresponder às condições dialogais buberianas, ultrapassando os contemporâneos modismos acadêmicos e jornalísticos da *deep ecology*. O diálogo de Bertha com as fronteiras desveladas na presença, inteireza e concretude da Floresta Amazônica se traduzem em testemunhos escritos que expressam seu encontro com o *Brasil profundo*. Neles, a floresta não é apenas um Isso, algo que cabe nas pré-concepções de um discurso técnico que pretende ser apto a explicá-la, porque supõe já tê-la feito cativa de esquemas conceituais de intermediação. A floresta para Bertha é lugar de encontro. Não com a pretensa pureza virginal de uma natureza intocada, mas com as fronteiras em transformação. Não com a fixidez do determinismo e da mesmice, mas com a dinâmica do possibilismo e da alteridade.

Testemunho documental desse processo é o artigo clássico *A Amazônia na Estrutura Espacial do Brasil*, publicado na Revista Brasileira de Geografia em 1974. Sendo que o livro *Geopolítica da Amazônia* (Zahar, 1982), reuniu diversos artigos dessa fase, e pode ser apontado como o mais notório testemunho de que Bertha, atualizando a tradição filosófica, assumia a *geopolítica* como espaço privilegiado de interlocução. A palavra-ato de Bertha foi subversiva das relações entre espaço e poder professadas pelos discursos das teorias hegemônicas de seu tempo, quer fossem elas de raiz neoclássica, quer de raiz marxista. Seu empenho foi por afirmar a necessidade de um duplo reconhecimento: i) do caráter multidimensional do poder, e ii) do território como argumento de base do discurso geográfico. Seu compromisso foi para com a escuta das alteridades. Seu empenho foi por responder à palavra ouvida, enraizada na circunstância do tempo-espaço das fronteiras.

A trajetória acadêmica de Bertha é exemplo edificante em meio ao crescimento de tantos desertos estéreis que enquadram a excelência acadêmica na cegueira cientométrica. Bertha não deixa que a razão interrogativa e crítica seja domesticada e soube dar ao reconhecimento internacional a justa medida. Confúcio disse que o sábio não se preocupa em ser conhecido, mas sim em que valha a pena que ele seja conhecido. Desde a perspectiva confuciana Bertha foi, certamente, sábia. Seu zelo e rigor intelectual encontraram o reconhecimento internacional, expresso pela *David Livingston Centenary Medal*, outorgada pela *American Geographical Society* para avanços científicos no hemisfério sul. Mas ela nunca perdeu a clareza quanto a seu lugar preferencial de vínculo, compromisso e interlocução.

Dito de modo simples: Bertha priorizou a publicação dos frutos de sua pesquisa como **livros** brasileiros, escritos em português e publicados em nosso país. Bertha não sucumbiu à quantofrenia acadêmica contemporânea, essa corrida cega atrás de indicadores quantitativos de produtividade de *papers* publicados em periódicos indexados, transformados em fins em si mesmos.

A sedução berthiana pelas fronteiras vai além da exuberante concretude amazônica. Ela inclui em si, como uma boneca russa *matriochka*, as fronteiras do conhecimento como lugares preferenciais de sua presença-palavra-ato. Ousar nomear os problemas que entendemos ser de enfrentamento prioritário é condição de autonomia ética. Isso implica ter por horizonte, para além da mera autonomia tecnológica, o empenho pela autonomia epistemológica. Fronteiras fisicamente tangíveis, como exemplarmente expresso na exuberante concretude da floresta amazônica entrelaçam-se com intangíveis fronteiras do conhecimento na presença-palavra-ato de Bertha. É assim que essa presença-palavra-ato faz morada em lugares onde não nos deixamos limitar pela mera *arte do possível* e a perenização de hábitos cristalizados.

Um dito atribuído ao *rabi* Nachman de Bratslav afirma que *tudo no mundo, onde quer que aconteça, e o que quer que seja, é um teste com o propósito de dar-lhe liberdade de escolha. Você deve, pois, escolher sabiamente.*

Viver nas fronteiras amplia os desafios da liberdade de escolha. Fronteiras são lugares onde supostos parâmetros logo se revelam variáveis e o desafio de responder à possibilidade de *fazer possível o impossível* pode se fazer pão nosso de cada dia. As fronteiras são, num sentido mais densamente judaico, lugares de travessia, passagem, *pessach*. Viver nas passagens das fronteiras é também experienciar a abertura para renovadas surpresas dos encontros face a face com presenças que não nos obedecem ao controle. E escutar seus apelos a nós dirigidos. Apelos para os quais a produção intelectual contemporânea tem revelado lamentável e crescente insensibilidade. Mas para os quais a vida e obra de Bertha expressam respostas tão comprometidas. Respostas que são inestimável referência para confrontarmos os efeitos perversos do contemporâneo *eclipse da erudição* de que nos alertou Lindsay Waters⁹, antigo editor da *Harvard University Press*.

Bertha soube ser referência para as novas gerações, propiciando-lhes caminhos críticos de aprendizagem e formação diante da perversa corrida cientométrica das universidades contemporâneas que empurra as novas gerações a escrever cada vez mais *papers* para publicação em periódicos científicos de circulação internacional, indexados e ranqueados segundo o cálculo de seus “fatores de impacto”. Mas não lhes oferece um minuto sequer para se perguntarem sobre as condições de produção (e comércio) de tais indicadores.

Bertha foi uma autêntica *scholar* cuja obra nunca se fez surda para a verdade da ácida ironia do Prêmio Nobel de física Wolfgang Pauli, nos dizendo: *não me importo com seu pensamento lento. O que me incomoda é você publicar mais rápido do que pode pensar*. Em síntese: a vida e a obra de Bertha dão testemunho para as novas gerações de pesquisadores, estudiosos e acadêmicos de que o x da questão não se resume ao dilema *publish or perish*, mas sim à possibilidade *to publish without perishing* como fruto do exercício da razão crítica.

George Steiner traça um diagnóstico sombrio do academicismo contemporâneo, dizendo que a humanidade instruída se vê abordada cotidianamente por milhões de palavras "... que aludem a livros que nunca serão abertos, músicas que nunca serão ouvidas, obras de arte sobre as quais nunca nenhum olhar vai pousar. Um murmúrio perpétuo de comentários estéticos, juízos improvisados e pontificações enlatadas inunda o ar. No plano da interpretação e valoração crítico-acadêmica, o volume de discurso secundário desafia qualquer inventário".⁹ Neste contexto "... o desequilíbrio entre o secundário e seu objeto, entre o 'texto' – em que incluo o objeto de arte, a composição musical ou a dança – e o comentário explicativo-valorativo que este gera, raia o grotesco. O discurso parasitário se alimenta de enunciados vivos; e como nas cadeias tróficas microbiológicas, o parasitário ao final se alimenta de si mesmo".¹⁰

A crítica de Steiner aplicada aos espaços universitários denuncia a esterilidade de exercícios formais de redação de *papers* apoiados nas "imunidades dos saberes indiretos".¹¹ Quando esta atividade se institui a si mesma como a pedra angular da excelência acadêmica passamos a habitar em um mundo onde palavras que não querem dizer algo a outros (...) sustentam um *palavrório irresponsável*. Isso permite que os espaços do diálogo acadêmico sejam sufocados por um "*marasmo cinzento*".¹²

É importante termos em mente que a crítica de Steiner não é dirigida contra as interpretações *per se*, e sim contra discursos estéreis e repetitivos, que somente aportam adições inútuas ao já sabido e se esgotam em confirmações repetidas de si mesmos, como um interminável jogo de espelhos.

Bertha nos apontou como o caminho para publicar sem perecer passa por um rigoroso entrelaçamento entre a leitura dos livros e a escuta do mundo. Daí, a inestimável importância em sua vida e obra da pesquisa direta, dos trabalhos de campo. Não como meros exercícios de confirmação do já sabido, mas sim como abertura e escuta dialogal ao não sabido (e talvez possível de se vir a saber). Assim, em sua atividade docente, levar os jovens ao encontro do Brasil profundo da floresta amazônica, foi elemento pedagógico de base.

A fecunda ousadia da obra de Bertha tem convergência de atitude com a mística judaica. Como aponta Esther Cohen¹³ para a mística judaica medieval o território do mundo pode ser identificado com o território do texto, "um espaço povoado por letras e palavras que no fundo são a natureza mesma".¹⁴ No livro Gênesis o uso do plural na palavra criadora divina indica que, situada em meio a uma Criação que tem caráter verbal, a pessoa humana recebe reiterados chamados a ler e interpretar um mundo inacabado. Ler o mundo criado é "situá-lo em perspectiva", interpretá-lo é "dar-lhe corpo e vida". É assim que "a mística judaica é uma hermenêutica da ação"¹⁵, onde a interpretação é uma forma privilegiada de agir no mundo. O mais notável aqui é que a interpretação não seja compreendida tão somente como um exercício cerebral de cunho lógico-racional. Ela é

Bartholo, R.

um empenho arriscado que exige a inteireza da pessoa, diz respeito a todo seu modo de vida e mobiliza todos os sentidos de seu corpo em um empenho dialógico, cujos rigores e exigências abrem a *Torah* para um mundo que é, ele também, escritura. E, ao fazê-lo, desvela a possibilidade infinita de recriá-lo interpretando-o, para então afirmar que “as novas interpretações sábias se convertem em novos firmamentos”. Fica assim expressa a estreita relação entre palavras e mundos possíveis, entre os atos de nomear e criar.

Escritura de novas palavras no mundo. Instauração de novos mundos. Geografia política berthiana.

Penso em Bertha e na Amazônia, em Ítaca e na Odisseia: as visitas às fronteiras da Amazônia/Ítaca são a odisseia berthiana. Em suas partidas ao campo, Bertha pareceu seguir conselhos do poeta Konstantinos Kavafis:

“quando você partir para Ítaca, deseje que o caminho seja longo, rico em peripécias e experiências. (...)

que numerosas sejam as manhãs de verão onde (com que delícias!) você vai penetrar nos portos vistos por primeira vez”.

A relação entre Bertha e sua Amazônia/Ítaca não é apenas fecunda por nos legar notável elenco de pseudo-filhos em forma de livros. Ela é também uma obra alquímica, tecida por ricas, mútuas e recíprocas interferências vivificantes. Bertha nos escreve livros amazônidos e sua Amazônia/Ítaca lhe inscreve palavras na alma. Relembro versos de Kavafis:

“Ítaca deu a você a bela viagem: sem ela você não se teria colocado a caminho. Ela não tem outra coisa para lhe dar. (...)

Mesmo se você a achar pobre, Ítaca não lhe enganou. Sábia como você se tornou depois de tantas experiências, você enfim compreendeu o que significam Ítacas”.

Viagens berthianas a Amazonas/Ítaca não são fixadas pelo determinismo e a mesmice. Elas transcorrem na dinâmica do possibilismo e das alteridades, belamente expressa por Cole Porter e Robert Fletcher em *Don't fence me in*¹⁶, epígrafe e mensagem final deste texto.

Recebido em: 6/12/2013

Aceito em: 10/12/2013

-
- ¹ Moacyr Scliar. *Memórias Judaicas*, em Ari Roitman (org.), *Entre Moisés e Macunaíma. Os Judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000, p. 26.
- ² Moacyr Scliar. *Op. Cit.*, p. 10.
- ³ Luiz Antonio Aguiar, Prefácio, em Ari Roitman (org.), *Op. Cit.*, p. 10.
- ⁴ idem, p. 10.
- ⁵ Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do Paraíso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 167.
- ⁶ Moacyr Scliar. *Op. Cit.*, p. 34.
- ⁷ idem, p. 35.
- ⁸ Lindsay Waters. *Enemies of Promise. Publishing, perishing and the eclipse of scholarship*. Prickly Paradigm Press, 2004.
- ⁹ George Steiner. *Presencias reales*. Barcelona: Ediciones Destino, 2007, p. 38.
- ¹⁰ idem, p. 65.
- ¹¹ idem, p. 55.
- ¹² idem, p. 51.
- ¹³ Esther Cohen. *El silencio del nombre. Interpretación y pensamiento judío*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1999.
- ¹⁴ Idem, p. 18.
- ¹⁵ Idem, p. 18.
- ¹⁶ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YHLr3FzgpOY>, na interpretação de Ella Fitzgerald. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uuMvKNDuOuQ>, na interpretação de David Byrne.

